

Seis personagens à procura de um Teatro

Duílio Henrique Kuster Cid¹

5

As diferentes personalidades que concederam as entrevistas reunidas nesta edição são, não apenas, algumas das personagens reais da história do teatro capixaba realizado nas últimas décadas. Mais do que isso, são os responsáveis por continuarem a escrever essa mesma história, tendo em vista que continuam em plena produção artística, dirigindo, produzindo e atuando em espetáculos teatrais e obras audiovisuais, bem como trabalhando em prol de políticas públicas para o setor.

As entrevistas foram realizadas entre maio e setembro de 2012, com o objetivo de constituírem um acervo de fontes documentais orais a serem utilizadas na minha dissertação de mestrado em História Social das Relações Políticas intitulada *Revolução de caranguejos. Políticas para o teatro no Espírito Santo durante a Ditadura Militar*². Esse tema e período, portanto, foi o mote principal da maior parte das perguntas realizadas.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e mestre em História Social das Relações Políticas pela mesma instituição. É ator e membro-fundador da *Folgazões Artes Cênicas*, coletivo destinado à investigação e produção teatral. E-mail: ?

² A opção pelo uso das fontes orais ocorreu por dois motivos principais. O primeiro foi a escassez de obras disponíveis tanto sobre o teatro capixaba quanto sobre o período da Ditadura Militar no Espírito Santo. Além disso, metodologicamente, desenvolvi a minha pesquisa tendo por base a noção de *jogos de escalas* - presente na maioria dos artigos reunidos na obra de mesmo nome, organizada por Jacques Revel - segundo a qual uma realidade social não é a mesma dependendo da escala de observação em que escolhemos nos situar, seja um nível de análise restrito a acontecimentos e indivíduos quanto um nível mais geral, ligado às estruturas políticas e econômicas. A variação de escala possibilita que se construam objetos complexos e que se leve em consideração aquilo que o autor considera a *estrutura folheada do social* (REVEL, Jacques. "Microanálise e construção do social". In: (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 1538). Em minha análise, portanto, juntamente com as fontes orais, também utilizei uma documentação composta por contratos, pronunciamentos oficiais, relatórios de gestão, ofícios e planos de ação da Fundação Cultural do Espírito Santo (FCES), do Departamento Estadual de Cultura (DEC) e da Fundação

A referida delimitação temática e temporal, entretanto, não impediu que as entrevistas caminhassem para outros períodos e assuntos, abrangendo questões como a rotina dos grupos teatrais capixabas; a história dos nossos principais espaços de apresentações teatrais; o movimento teatral no interior do Espírito Santo; o funcionamento da Federação Capixaba de Teatro Amador (FECATA); os Festivais de Teatro Amador e as Mostras de Teatro da UFES, entre outros temas, o que nos possibilita a visualização de um amplo panorama da atividade teatral realizada no Espírito Santo, na segunda metade do século XX.

Paralelamente a essas questões, também foram abordados aspectos biográficos dos entrevistados, como a infância, o primeiro contato com a arte, os trabalhos realizados e o que o teatro significa para cada um deles. O leitor poderá, dessa forma, vislumbrar a trajetória individual dos artistas, bem como as suas aspirações, desejos e sentimentos.

No momento da transcrição das gravações procurei ser o mais fiel possível às entrevistas fornecidas, optando, inclusive, por manter as perguntas realizadas. Decidi, apenas, por não incluir o excesso de algumas expressões que tendem a se repetir na linguagem oral, que foram mantidas apenas na medida de permitir ao leitor sentir o tipo de narrativa ou o *sotaque* de cada um dos entrevistados³.

Àqueles não totalmente familiarizados com as especificidades das fontes orais cabe salientar que, conforme Thompson, a credibilidade desse tipo de documentação é uma credibilidade diferente⁴. Segundo o referido historiador, a mesma subjetividade que alguns veem como uma fraqueza das fontes orais pode também fazê-la singularmente valiosa, pois os fatos que as pessoas lembram e esquecem são eles mesmos, a substância de que é feita a história⁵.

Nacional das Artes (FUNARTE), além de jornais e revistas do período como A Gazeta, A Tribuna, Jornal do Brasil, O Globo, O Diário e Revista ES (Ver.: CID, Duílio Henrique Kuster. *Revolução de caranguejos*. Políticas para o teatro no Espírito Santo durante a Ditadura Militar. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5459_.pdf>.

³ Como, por exemplo, *né, sabe, então, daí por diante e depois disso*, conforme sugerido por Meihy (MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 4ª edição. Edições Loyola: São Paulo, 1996, p. 172).

⁴ THOMPSON, P. *A voz do passado*. 2ª edição. Editora Paz e Terra: São Paulo, 1998, p. 184.

⁵ *Ibid.*, p. 183.

A diversidade da história oral, portanto, encontra-se no fato de que constatações tidas como *não verdadeiras* continuam a ser psicologicamente válidas e que esses pretensos *erros* são mais reveladores, por vezes, do que relatos factualmente precisos⁶. Além disso, ainda de acordo com Thompson, a história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como eles são vivenciados e lembrados na imaginação⁷.

Registro aqui o meu mais profundo agradecimento a José Augusto Loureiro, Tião Xoxô, Renato Saudino, Paulo DePaula, Rômulo Musiello e Luís Tadeu Teixeira, artistas teatrais que sempre foram uma importante referência para mim, por gentilmente terem se disponibilizado a fornecerem as entrevistas aqui reunidas. Também parabeno à Revista Simbiótica por esta publicação, e que ela sirva para fomentar novas pesquisas sobre a história - ainda tão pouco registrada - do teatro no Espírito Santo.

⁶ *Ibid.*, p. 184.

⁷ *Ibid.*, p. 184.